



Reportagem

Semanario das
grandes reportagens
7 de Fevereiro

Nº 27

ANO I

EXTORÇÕES

ROLIBOS

VICIOS

CHANTAGE

AMEAÇAS

CRIMES

SANTIAS

CARTAS ANONIMAS

PROPOSTAS IGNORADAS

LAMA

STAVAKA

"GARANTIA"

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1859)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece à matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é Idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a esquadra o seu passado

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancaria Sousa, Cruz & C.a. L.da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

ALFAIATARIA

DE

ANTONIO DIAS

Fazendas nacionais

— e estrangeiras —

Largo de S. Sebastião da Pedreira, 34

LISBOA

MODICIDADE DE PREÇOS

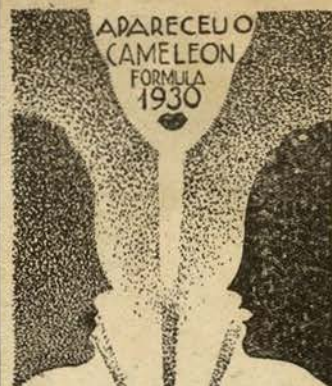
Antes de comprar uma máquina de escrever portátil ou para escritório, sirva-se V. Ex.^a pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente:

CARLOS DUNKEL - R. Sá da Bandeira, 62

Telefone: 1013 — PORTO



MUDA DE TOM COM CADA CÔR
RESISTE A TUDO E DA AOS LABIOS
UMA SEDUÇÃO IRRESISTÍVEL

**ROUGE
CAMELEON**
AGENTE EXCLUSIVO
João Amaral (Santa Catarina 2001)
PORTO

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e America do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da United States Lines

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO



"REPORTER X"

Compram-se os números 1,
5, 6 e 7 dêste semanário
que se encontram esgotados

Trata-se na administração do "Reporter X", Rossio, 3, 3.º

■ LISBOA ■

Homens & Factos do Dia

O homem que não
quiere trabalhar

DIZIA-NOS, há anos, um cavalheiro muito conhecido em Lisboa pelas suas grandes barbas quasi brancas, apostólicas, e pela grenha enorme, cortada à «Ninon»:

— «O homem não devia trabalhar, porque o trabalho é uma invenção humana contrária à Natureza. A Humanidade, se se integrasse bem nas leis naturais que regem a vida, seria frugífera, andaria nua como Adão e Eva no Paraíso e alimentar-se-ia de frutas como os macacos. Eu sou naturalista radical porque odeio o trabalho.

Este diabo, que estima exibir-se em sandálias e cabeça descoberta através do país, vive de esmolas disfarçadas na venda de uns bilhetes postais com o seu retrato naquela linda figura, acompanhado de dizeres sugestivos como estes: «Fulano, o famoso globe-trotter português, propõe-se dar a volta ao mundo a pé, alimentando-se apenas de vegetais».

A preguiça deste homem em pouco prejudica a colectividade! Tolera-se. Mas parece que a teoria da mándria alastra por forma assustadora.

Não queremos citar os que se fingem industriais, comerciantes, agricultores, e vivem parasitariamente à custa do trabalho alheio. Esses conseguiram acomodar a sua preguiça em uma situação legal. Referimo-nos hoje, de preferência, aos que levam a sua teoria até ao crime. E' este o caso de um tal Manuel Mota, de 26 anos, do lugar da Portela de Vila Verde, que tendo ido visitar um irmão à cadeia, veio de lá encantado com a situação invejável que o outro disfrutava. — «Aquilo é que era vida regalada, a do mano criminoso! Comia, dormia, fumava, sem se ralar a trabalhar. Apareciam-lhe as coisas sem ele dar um passo. O Estado tinha que lhe dar abrigo e comida. Era uma verdadeira mina». E, feitas estas reflexões, logo o Manuel Mota se dispôs a não trabalhar. Ele era rural, tinha que cavar de sol a sol para comer escassamente. Vivia em uma perpétua ralação. Não, aquilo tinha que acabar!

E amolou a navalha.

Deu-se o caso fatal de encontrar-se a sós na estrada com o seu amigo Manuel dos Santos Junior, pessoa muito considerada em Paúla, Cabanas de Torres e outras terras circunvizinhas, no

momento preciso em que a estranha filosofia lhe dava volta ao cérebro. Tranqüilamente, como quem faz uma operação de Bolsa de lucro certo, de rendimento para toda a vida, sacou da navalha e matou-o. Pronto. O Manuel Mota alcançara enfim a renda vitalícia. Foi preso — não se defendeu. Será julgado — e confessará o crime com sereno cinismo. Que lhe importam a vergonha pública, o ódio de populações inteiras que queriam linchá-lo, a condenação mais pesada — se o que ele queria era viver enclausurado, sem dúvida, mas com casa, mesa e roupa lavada certas!

E' um degenerado. Mas também a vida do trabalhador rural é tão miserável, tão pobre, tão tacanha, que nós, sentindo pelo assassino a maior repugnância, a mais instintiva repulsa e o mais insultante desprezo, não deixamos de pensar que em melhores condições de trabalho talvez ele preferisse a liberdade laboriosa à ociosidade vergonhosa.

MARIO DOMINGUES

O "MORTO-VIVO" DE LONDRES
CONDENADO À MORTEO desenlace duma reportagem que nós
publicámos

Recordam-se da reportagem que enviamos de Inglaterra — «O cadáver vivo do «auto» n.º 99.297» — o mistério empolgante que apaixonava então todos os londrinos e que o «Reporter X» publicou no número de 10 de Janeiro? Acabamos de receber do nosso correspondente local a notícia do desenlace dessa enigmática tragédia. O detective Wilson, como aliás profetizámos no nosso artigo, não estava disposto a ceder à incredulidade dos seus chefes e não descansou enquanto não ouviu da boca de um juiz a condenação à força de Kennedy (Rouse-Kennedy). Eis o telegrama:

LONDRES, 2. — Kennedy Rouse, além da esposa legítima e dos filhos legítimos e das amantes e filhos destas que se descobriram no meio da investigação, possuía muitas outras, num total de quinze mulheres, com uma prole de 18 descendentes. O detective Wilson conseguiu provar que Kennedy premeditara o crime para se libertar das suas vítimas e das pensões que era obrigado a dar-lhes, por causa dos filhos, visto que

reporter

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM
E EXPANSÃO EM PORTUGALGrandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeirosSal aos sábados e é posto á venda
simultaneamente em todo o paísDIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)Director-Gerente, Administrador e Editor
ANGELO DE AZEVEDO FERREIRAChefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE 26442 — LISBOA
End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

DELEGACÃO DO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD.
RUA D. PEDRO V: 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3	meses—série de 12 números—Esc.	11\$50
6	" " " " " " " " " " " "	—Esc. 22\$50
12	" " " " " " " " " " " "	—Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentam os respectivos portes
Pagamento adiantado

o seu ordenado de caixeiro-viajante era insuficiente. Para isso, naquela noite, ao ver um mendigo dormitando na estrada, parou o automóvel, assassinou-o, meteu o cadáver no carro, incendiando-o depois para que toda a gente supusesse que ele tinha sido vítima duma catástrofe e poder recomeçar vida nova. As leis inglesas facultam estas habilidades visto que em Inglaterra não existe registo civil e qualquer indivíduo pode mudar de nome e de personalidade dum dia para o outro, sem mais trabalho do que afirmar que não é Fulano mas sim Beltrano. A fantástica explicação que ele dava a respeito do drama (a de ter recolhido no carro um desconhecido e que o «auto» se incendiara durante a sua ausência de uns minutos) caiu pela base. Durante o julgamento, o tribunal encheu-se com as amantes do assassino e respectivos filhos, as quais, juntamente com a esposa legítima, o olhavam fascinadas e soluçavam nos momentos criticos. O mais paradoxal é que tanto elas como os patrões e amigos e conhecidos do réu declararam que este era um homem de bem, de costumes irrepreensíveis, e um moralista severo. Não jogava, não bebia, trabalhava muito e cumpria

(Conclui na pag. 14)

PORTUGAL E OS BANDIDOS DE CHICAGO

JACK DIAMOND NÃO MORREU E ESTEVE REALMENTE NO PORTO

Uma sensacional entrevista realizada pela «I. P. Agency» onde se revelam nomes... e iniciais portugueses

QUANDO, há meses, dissemos que Jack Diamond estava no Porto, houve sorrisos idiotas, de incredulidade, como se o Porto não estivesse aberto sobre o Atlântico. Nada dissemos. Soube-se que precisamente oito dias depois o célebre bootlegger desembarcara na América; e logo a seguir as agências telegrafaram para todos os jornais europeus a notícia da sua morte, a morte de que ele viera fugido para a Europa, a morte para a qual todos os países do velho continente o tinham expedido, expulsando-o, fuzilado pelos «pistoleros» assalariados de Al Capone, seu ex-chefe e seu actual e feroz adversário.

Foi grande a nossa surpresa ao vermos agora na imprensa americana o seu retrato, saindo, curado (!), da clínica onde estivera todo este tempo em tratamento... Um jornalista o conseguiu entrevistar: Bustter Smith, da «Intern-Press-Agency», a qual enviou imediatamente ao «Reporter X», com certas passagens sublinhadas a vermelho, a reprodução dessa entrevista. E logo, sobre o sublinhado, nos surgiu a palavra Portugal. Eis os trechos mais directamente interessantes dessa reportagem:

Jack Diamond está pálido e envelhecido. Não parece o mesmo jovem pimpão, optimista e enérgico, que nós conhecemos, há dez anos, em Chicago. Foi recordando esse encontro que ele abriu uma excepção, abandonando o silêncio em que se tinha fechado, para nos falar.

— Quando as várias policcias europeias proibiram o meu desembarque em França, na Bélgica, na Alemanha, etc., compreendi logo que elas, directa ou indirectamente, voluntária ou involuntariamente, agiam em favor dos meus inimigos. A minha saída da América fora uma verdadeira proeza heroica, para conseguir escapar à perseguição cruel dos carrascos de Al Capone. Foi preciso usar de

todos os meus recursos de inteligência e agilidade para embarcar são e salvo. E quando o barco se aproximou da Europa julguei-me seguro para sempre. Mas os meus inimigos é que não desistiam e por meio dos seus agentes avisaram a policia, exagerando as informações a meu respeito — quando era minha tenção viver sossegado com os juros da minha fortuna, que é de 5.000.000 de dollars. Por um pouco não conseguí esquivar-

me ao regresso da América. Donald Jersey, o comandante do navio em que eu vinha, tocou no Porto (Portugal), onde eu tenho um velho amigo, o sr. Campos Saavedra, que viveu muitos anos em Chicago e com quem mantive muito tempo

relações comerciais, comprando-lhe grandes quantidades de vinho. Tive a primeira entrevista com ele na city e ficou combinado que ele comprasse uma vila na outra margem da cidade (Vila Nova de Gaia?), para o que lhe dei 5.000 dollars. Mas — estou convencido — Donald estava já vendido aos meus inimigos. Ao voltar a bordo, visto que não me convinha ficar na cidade, encontrei o capitão falando misteriosamente com um português que me disse ser jornalista. Chamava-se A... de L... (Aqui a entrevista revela nitidamente um nome bem conhecido que achamos conveniente semi... calar). Suspeitei... Na manhã seguinte, quando acordei, já o barco estava fora da barra. Não tive outro remédio senão sujeitar-me ao desembarque. Em New-York pude despistar os meus inimigos, graças a uma mulher; mas foi outra mulher que me perdeu, visto que só ela sabia onde eu me ocultava.

— Planos futuros?
— Estou praticando aviação...

Bustter Smith — (International Press Agency)
Copyright para Portugal e Brasil do «REPORTER X».



Jack Diamond saindo da casa de saúde onde se curou rodeado de policias que velam pela sua segurança

Está para nascer um carrasco em Inglaterra

É bem certo que a Vida, no seu ventre fecundo, engendra apenas a Morte. Dir-se-ia que um grande pêndulo se move compassadamente da Vida para a Morte e da Morte para a Vida num ritmo eterno. E enquanto o pêndulo vai e vem, quantos sofrimentos, quantos dramas, quantas tragédias pesam sobre a efémera existência!

Felizmente que em relação à nossa vida nós não sabemos quando o pêndulo atinge o outro extremo — a Morte. E



Olive Kathleen Wise, de 36 anos, cuja condenação à morte foi temporariamente suspensa em virtude de se encontrar grávida, e seu filho Reginata Wise, de 9 meses de idade, que ela estrangulou

vivemos na doce e vaga esperança de que a natureza, inexorável em seus designios, abrirá para nós uma espantosa excepção, criando uma eternidade em nosso favor. Essa esperança vã, essa ilusão luminosa, reconforta-nos e dá-nos ânimo para atravessar pacientes o mar tempestuoso de calamidades que é a nossa existência.

Imagine, porém, o leitor que é um condenado à morte e que sabe que no dia tantos de tal, às tantas horas, o mundo se acabará para si. Pense quão atroz será olhar a marcha lenta mas inevitável, como uma fatalidade, das horas e dos dias. Ou que, por uma diabólica sucessão de factos, a sua morte chegaria inevitável no dia em que outro ente nascesse.

Nestas condições se encontra presentemente em Inglaterra uma mulher, Olive Kathleen Wise, de 36 anos, viúva, que, acossada pela miséria, estrangulou um filho de nove meses. Esta mulher foi condenada à morte. Mas o seu defensor, escudado num parecer médico, requereu a suspensão da pena. O juiz, em face deste requerimento, mandou formar um júri de mulheres que examinaram a questão e verificaram que Olive seria mãe dentro de poucas semanas.

Este facto obrigou o juiz a suspender a pena de morte até que Olive seja mãe.

Pela primeira vez um recém-nascido será um carrasco — um carrasco inconsciente, um carrasco gentil, um carrasco que executará indiferente a sua própria mãe.

COLETES À PROVA DE BALA

Na America o crime e a repressão disputam a primazia na eficácia dos seus processos. A policia é, naquêle grande país, um verdadeiro exército organizado, com pistolas, canhões, metralhadoras e barcos de guerra. Os criminosos, por sua vez, dispendo de grandes fortunas, organizam-se bélicamente, possuindo verdadeiros arsenais.

A luta estabelecida entre os profissionais do



crime e a policia reveste por vezes o aspecto de autêntica batalha, com bastantes mortos e muitos feridos.

No intuito de poupar a vida aos seus homens, a policia começa agora a usar coletes à prova de bala, como os que se vêem nas gravuras que acompanham esta noticia.

O agente Phil B. Steigerwald foi agredido a tiro pelo soldado Cecil Baker. A bala não lhe chegou



à pele, deixando apenas uma marca imperceptível. O outro agente foi também alvejado por tiros de um louco, que não lhe causaram a menor beliscadura.

A policia americana está ao abrigo das balas. Mas por quanto tempo? Até que os criminosos inventem projecteis mais perfurantes para os quais de nada sirvam os coletes à prova de bala.

“A derrocada do império vátua e Mousinho de Albuquerque”

Aventura, mistério, viagens difíceis, combates guerreiros, heroísmo, são os elementos próprios de livros de aventuras com que Julião Quintinha e Francisco Toscano escreveram um volume de História

ESTE livro que Francisco Toscano e Julião Quintinha escreveram — *A derrocada do império vátua e Mousinho de Albuquerque* — contém tódos os elementos que garantem o triunfo e a popularidade a uma obra de fantasia: aventura, mistério, a violência da guerra e a beleza do heroísmo. Possui mesmo um heroi, que teve carne e espírito para vibrar, um heroi que ilustrou com o seu sangue algumas das melhores páginas da História de Portugal. E no entanto é um livro de rigorosa verdade.

O leitor é propenso à decifração de enigmas e lendas, estima a bravura e adora viajar em imaginação por exóticas regiões onde as ciladas espreitam o aventureiro. E os autores dêste livro, fazendo História da mais rigorosa e honesta,

tiveram artes de transmitir ao público tódas as emoções de que êle gosta.

É que êste volume mais do que História é reportagem, da melhor reportagem que se tem escrito e vivido nêstes últimos anos em Portugal, porque os seus autores viram, sentiram e viveram tudo quanto nos contam. Francisco Toscano foi um dos soldados que fez a campanha contra o célebre Gungunhana. Penetrou nos redutos do famoso régulo, expôs o corpo às balas em inumeros combates, palmilhou o sertão, atravessou florestas, dormiu sob o cacimbo, acordou ao som de tiroteios, viu tombar a seu lado, para não mais se levantarem, inumeros companheiros de luta, conviveu com o selvagem, estudou-lhe os defeitos e as qualidades, e ainda hoje lá está, nessa Costa Oriental cuja nacionalização ajudou a consolidar com o risco da sua vida. Julião

Quintinha, por sua vez, arrastado pela sua alma arrebatada de grande reporter moderno, passou anos depois pelos mesmos locais onde se feriram lutas tremendas, reconstituiu mentalmente, ao atravessar Moçambique de lés a lés, tódos os episódios das grandes batalhas que provocaram a derrocada do império vátua, e, aliando o seu talento literário aos preciosos subsidios de Francisco Toscano, escreveu o belo livro que tão relevante serviço veio prestar às Letras portuguesas.

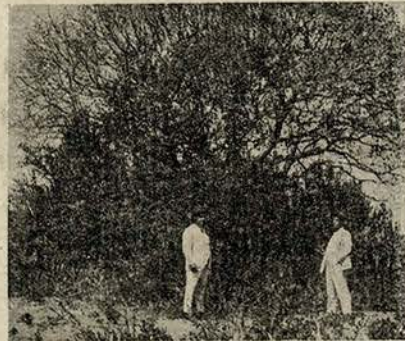
A figura esquecida de Mousinho de Albuquerque, cuja morte misteriosa uma atmosfera politica confusa mais misteriosa tornou, aparece mais nitida, mais compreensível, mais humana e grandiosa.

A sórdida manobra internacional de ingleses e alemães, de ingleses principalmente, tramada contra os direitos históricos dos portugueses em Africa é analisada com imparcialidade, sem frases inúteis de alucinado patriotismo.

A figura de Antonio Ennes, o grande jornalista que provou pela acção ser um grande homem de Estado, de visão ampla e resolução certa, foi igualmente bem focada. Era tempo de prestar justiça a êsse homem, a quem se deve incontestavelmente a posse de Lourenço Marques. Se êle não tivesse com a sua energia e argúcia, posto em marcha a grande obra de conquista que Mousinho rematou com golpes de génio e de audacia, Moçambique, hoje, seria apenas mais uma colónia inglesa, como a Rhodesia ou o Natal.

A *derrocada do império vátua e Mousinho de Albuquerque* bem merece o grande êxito que obteve.

M. D.



Julião Quintinha (à direita) e Francisco Toscano (à esquerda), em Chaimite, junto do túmulo de Manicasse, o fundador da dinastia vátua

A VIDA ÍNTIMA DO EX-«KAISER»
REVELADA PELA ESPÓSA

A princesa Herminia de Reuss casou, em 5 de Novembro de 1922, com o ex-«Kaiser». Contava ela então 35 anos, era viúva e tinha 7 filhos. Após oito anos de vida em comum, a esposa do ex-Imperador Guilherme II concedeu à agência italiana «S. M. della Stampa», de Turim, uma interessante entrevista sobre as intimidades do homem que fez a guerra, entrevista essa que o «Reporter X» adquiriu, com exclusivo para Portugal.

— «Ninguém pode conhecer melhor o meu marido do que eu — começa por declarar a esposa do «Kaiser» — Há oito anos que vivo a seu lado, noite



O ex-«Kaiser» e sua segunda esposa

e dia, na posse total da sua alma e do seu cérebro. Todos os que dele têm falado, erram, quando não o caluniam, porque julgam conhecê-lo e ignoram-no. A queda da sua grandeza não o revoltou. Aceita-a resignado. Quando lê as acusações que lhe fazem — sorri-se, mas sem ironia nem scepticismo. E perdoa logo a todos que o insultam. Disse-me um dia: «A coroa que eu ostentei durante 30 anos foi sempre uma coroa de espinhos. E hoje, apesar de destronado, ela me martiriza».

«O «Kaiser» está convencido de que o seu país o ama ainda — e não é a primeira vez que ele hesita ante a hipótese de aceitar ou não, num futuro próximo, a presidência republicana do país onde foi Imperador. Uma noite confessou-me: «Se eu soubesse que estava nisso a salvação do meu povo, sacrificava-me mais uma vez, por ele e pela pátria!»

«Habitado a uma ininterrupta actividade, ele não se adaptou ao sossego do exílio. Trabalha imenso — entusiasticamente. Levanta-se ás 7 horas, dá longos passeios, auxilia os operários na floresta, deitando árvores abaixo, serrando-as, etc.. Toma o pequeno almoço ás 9,20. Depois fecha-se no seu gabinete, lê a correspondência. Raro é o dia que não recebe de 1.000 a 3.000 cartas, das quais os seus cinco secretários escolhem 40 a 50 como indispensáveis à sua leitura directa. Dita a resposta de algumas; a outras responde pessoalmente. Ao meio dia almoça; novo passeio até ás 2; das 2 ás 5, fecha-se para estudar. O seu espirito é insaciavel de luz. Muitas vezes tem desabafado comigo a este respeito: «Os erros que tenho a consciência de ter cometido como imperador são todos devidos a não ter tido tempo de aprender toda a sciência humana. Agora que posso estudar à minha vontade é que vejo que luta é a vida humana! Ou estudamos e não temos tempo para aplicar os nossos estudos, ou trabalhamos e erramos, por não ter aprendido o suficiente». Recebe as visitas das 5 ás 7. A's 7 horas

(Continua na pag. 11)

O que fôram na realidade os herois de romance e de teatro?

Quem são, na vida, as personagens da «DAMA DO SUD»

QUEM fôram na vida real os herois de folhetim, de romance, de teatro? A curiosidade do público, ao apaixonar-se pelas personagens literárias, agúa, voluptuosamente, ante o mistério que vai da fantasia do escritor ao modelo vivo que o inspira.

Ao iniciar, em Espanha, a minha vida literária, publicando dezenas de novelas por mês, lancei uma colecção que teve grande êxito de venda: *Lo que fueran en la vida real los héroes de folletín*, pela qual perpassaram, revelados, desmascarados, decifrados, os nomes mais emocionantes do romance e do teatro. Sherlock Holmes? E' o próprio Conan Doyle que o conta... Chamava-se dr. Beld, fôra professor do novelista e celebrizara-se em Edimburgo, pela sua original e inédita sciência de «acertar» com as mais inverosímeis charadas, através de uma deducção quasi matemática, feita de pequenas e agudas decifrações... Raffles, Lord Lister, o gentleman gatuno, era James Silver, filho de um banqueiro londrino, bastante conhecido na alta sociedade inglesa, que, ao emigrar, deixára a Horning, seu cronista, a confissão das suas proezas de larápjo generoso, roubando aos ricos, cujos salões frequentava, para dar aos pobres. Arsenio Lupin, outro gatuno célebre na literatura, foi revelado a Maurice Leblanc por Materlinck, marido de Georgette Leblanc, irmã daquêle. O verdadeiro Arsenio Lupin era belga e não parisiense, Chamava-se Charles Roger, roubou dezenas de banqueiros e de ricos pode-

amôr que Dumas filho descreve, chamava-se — todos o sabem — Marie Duplessis, e morreu, tuberculosa, em plena mocidade. Está enterrada no cemitério de Montparnasse, no coval n.º 27.337, onde, durante 30 anos, todas as manhãs, apareciam, misteriosamente, uns ramos de camélias. A *Tosca*, com que Vitorien Sardou fez o mais célebre dos seus dramas, chamou-se na vida real Lady Hamilton, e o seu Mario Cavaradossi era nada menos do que almirante inglês Nelson.

Inumeras vezes me perguntará já se as personagens da «Dama do Sud» são apenas fantasia ou focadas da vida real. De todas as minhas obras é esta, sem dúvida, aquela em que reini mais herois e heroínas verdadeiros, de carne e osso. Branca Adrlon, a que Palmira Bastos emprestou o fluido criador do seu belo talento, viveu no «Avenida Palace», fez sensação em Lisboa ai por meados de 1926 — e ao desaparecer bruscamente de Portugal deixou várias lendas a respeito do seu mistério doirado. Angelo de Lencastre — disse-me na noite da *première* — não necessita de etiqueta. Alexandre de Azevedo conseguiu sobrepôr ao seu fisico o fisico do copiado — aquêle português de raça, antigo diplomata, que uma manhã, também em 1926, appareceu morto num club vizinho do Chiado. Morto porquê? Falara-se então dum escândalo ecoado nesse mesmo club... Seria êle o seu autor? Foi! Sei-o! Disse-me no Porto, três anos depois, um creado que possuía ainda as provas de que êle se tornara um ladrão



«A Dama do Sud» — Scêna final do 1.º acto: No primeiro plano — Rosette (Constança Navarro) e João de Alencar (Joaquim Miranda)

rosos, mas, ao contrário do que se conta nos romances, nem sempre conseguiu escapar à policia, que o apodava de «Z'tavert» e que o prendeu em 1894, sendo então condenado a 8 anos de prisão. Iguoro se os cumpriu e qual foi o seu futuro. A «Dama das Camélias», que heroficou o drama de

pelo amôr de Clara... perdão, de Branca Adrlon. Rosette chamava-se e chama-se Denise Laurand e é belga, de facto. Conheci-a em Montparnasse e apresentou-ma Marcel Museat, jornalista

(Conclui na pag. 14)

Os segrêdos da "chantage"

Como "Reporter X" descobriu as infâmias maquiavélicas dos seus caluniadores

Uma "gaffe" dos chantagistas — Como vieram parar às nossas mãos as cartas anónimas — A tabacaria do sr. Marquês de Sagres, término da pista — Apanhado em flagrante calúnia — A confissão testemunhada do caluniador

A O repassar, entre enojado e triste, o que escrevi no número anterior e o que vou publicar agora, recordel o comentário escutado há anos a esse estranho gentleman portuense que é Raul Caldevilla. Acabava de sair do hospital, onde entrara seis meses antes. Inquisitoriado por um golpe de verdadeiro *apachismo*

rabie e se multiplique no espaço como um som rádio-telefonado...

Havia já algum tempo que a nossa aguçada sensibilidade registava vibrações suspeitas, sussurros, infâmias que nada podia explicar, que o nosso severo, exagerado escrupulo desmentia... Mas como lutar contra esse inimigo invisível, essa sombra, esse enxame de fantasmas? Poucas semanas durou, porém, essa asfixia que nos trouxe, a todos os que honradamente trabalham neste jornal, verdadeiramente angustiados. Ninguém semeie ventos na esperança de colher... *chauffage central*...

vêmos a infâmia desembocar numa tabacaria que pertence... ao sr. Marquês... Branco é, o sr. Marquês o põe... — salvo seja! Prossigamos. Durante todo o dia faz-se o cerco à tabacaria onde a carta fóra entregue e onde alguém devia ir buscá-la. Redactores nossos tomam refrescos na leitaria vizinha, sem perderem de vista o caixeiro um só

A CARTA ESCAMOTEADA

Entre as amizades fiéis que se enraizaram na alma, da época da escola, citarei agora Mendes Correia, solicitador encartado, com quem mantive sempre uma assidua aproximação espiritual. Ora era essa velha amizade que os *souteneurs* da honra alheia ignoravam — e que os perdeu...

Mendes Correia, por sua vez, tem um amigo muito íntimo, que nós também conhecemos e respeitamos. Um belo dia esse amigo recebe uma carta réles, escrita em papel réles, numa letra manuscrita imitando, por disfarce, os caracteres dactilográficos. O que dizia essa carta? Que o *Reporter X* estava de posse dum segrêdo grave e que só se calaria em troca de alguns contos; e no caso dêle estar decidido a pagar, que pusesse determinado anúncio no *Noticias*.

Riu-se a pseudo-vítima, riu-se Mendes Correia, visto que ambos nos conheciam, visto que ambos nos tinham falado poucas horas antes e seria de uma imbecilidade ridícula e inverosímil se nós pretendessemos qualquer proeza com pessoas da nossa amizade e da nossa intimidade. Imediatamente fomos avisados; imediatamente entramos na posse do documento e resolvemos seguir a pista, armar uma cilada, descobrir, finalmente, quem era o autor das calúnias sussurradas e das proezas praticadas sob o no só rótulo. Traçou-se o plano de combate. Nós mesmo pusemos o anúncio, e esperámos. Veio a segunda, a terceira, a quarta carta, até que se chegou finalmente ao primeiro contracto. O canalha marcava um lugar onde a vítima devia deixar o dinheiro, dentro dum envelope, numa tabacaria da Rua Alexandre Herculano, acompanhado dum recorte de papel que êle nos enviava (ou antes, enviava em nosso nome à vítima e que a vítima nos conliou, como nos confiara todo o material, que está à disposição da policia), devendo essa carta ser entregue pelo caixeiro a quem apresentasse um recorte de papel idêntico, que dizia: *pode entregar*. Rápida investigação em que intervieram todos os nossos reporteres e redactores, auxiliados pelo detective Custodio das Dôres. *Primeira surpresa: a tabacaria era propriedade do Marquês de Sagres*. Creio que os leitores começam a perceber. Faz-se uma *chantage* estúpida para nos difamar, caíem, coitados, na fatalidade de irem ter precisamente com amigos nossos, amigos íntimos, que nos conhecem intimamente e que nos delatam logo a engenhoca infâme, arma-se uma cilada aos canalhas, e

Tudo junto e que falta sendo lhe feitas outras 100 folhas e duas mais. Se quiser também podem ser entregues o documento após o pagamento mas se não se faltam no cumprimento depois. Agora maneira de eu receber sem me ver nem saber. A uma tabacaria que é na rua Alexandre Herculano esquina com a de baixo... cujo dono que vive tem um café que frequenta que se chama... esse frequenta cathegoria um envelope bem fecho, com a P. importância dentro, e dentro também uma garrafa qualqueres de Tona bem quente ou que tem a foga. Diz-lhe que quando bem a carta se que a entregue a homem ou mulher no entanto que lá appareça com um papel igual ao que junto mando. O que foi buscar, forte fude in no mesmo dia, como um dia depois ou mais dias de depois. Já se assim para evitarem surpresas. E tenham cuidado que a carta se levemente desde o dia 6 de manhã. Com nós sabemos que foi lá posto a carta, que a carta de Designa o local para a entrega do dinheiro

minuto. Quando a sua permanência podia chamar suspeitas, outros redactores iam substituir os primeiros. O nosso novo e brilhante camarada Idílio Ferreira, vestido de arduo e apregoando jornais, não se afasta do local. As horas sucedem-se às horas. Chega-se à noite... Ninguém veio buscar a carta. Um dos nossos entra e pergunta por ela...

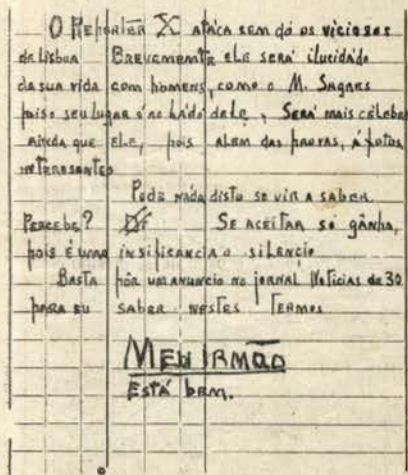
Já cá não está! Já a vieram buscar... E tudo isto se passou... na tabacaria do Marquês. Maquiavelismo puro!

Outro *specimen* — mas que só revelamos por sermos obrigados a isso, no direito imperioso de defender a nossa honra contra a calúnia e a infâmia dos nossos inimigos desleais. Se pudessemos poupar o herói desta triste aventura — poupá-lo-íamos.

Estavamos ainda na pista do «mistério da carta escamoteada» quando fomos abordados pelo sr.

Conde da Torre, que nos narra o seguinte: O prior de Bemfica, que aquêle titular nos garantiu ser um modelo de sacerdote bondoso e cumpridor, com a alma e com o espirito de todas as leis de Cristo, surpreendeu, há dias, um larário profissional e especialista de templos, a roubar as

(Conclui na pag. 14)



A ameaça para aterrorizar a vítima

nocturno, e disse-me: «A civilização traz-nos perigos sociais tremendos. Antigamente um assassino, por muito engenhoso que fosse o sistema de matar, estava sempre arriscado. Hoje, o ódio ou a cobiça podem executar o homicídio sem que o criminoso sôfra grandes molestias. Basta manejar um volante, zigzaguear o carro frente à vítima, esmagá-la e proclamar depois que foi um desastre!»

O mesmo succede com a calúnia. Nada mais fácil

real depois de 2000 réles. É uma resposta a quem me disse que não dá nada para uma publicação nida. É uma requisição 12000 ré. Distribuição sem custo para os não católicos, 1º entendo 3300, 2º — um mês depois — 18000, no outro mês 1.0000, no outro mês outros honr... e no outro mês

O chantagista marca o preço do crime

do que anavallar um nome, esmagar uma alma, impunemente, caluniando. Como evitar, como edivinhar, como castigar esse género de envenenador de reputações que é o caluniador? Seja por vingança, por ódio, por cálculo, nada mais fácil do que segredar a um, a dez, a vinte, a invidia ignominiosa e esperar, refastelado e sorridente, que a calúnia

O homem que enguliu uma faca e que o cirurgião Daniel Swade operou há trez seculos arrancado-lha do estomago

Dois centenários — Os médicos contra o progresso da medicina — A auto-operação de apendicite e o japonês que cura cegos — Asuero simbólico — Ambrosio Paré, o grande cirurgião do século XVI — O serviço de saúde nas batalhas através a História — O camponês e a faca — Como Daniel Swade fez a operação — O ódio e a calúnia dos colegas

A CABAMOS de ler numa revista inglesa que o dr. Reginald Wost, de Chicago, auto-operou-se de apendicite. Ajudado apenas por uma enfermeira e sem chamar os assistentes, o dr. Wost tomou a posição que melhor lhe convinha, fez como e até onde era possível uma anestesia local, cortou-se, abriu-se, cirurgiou-se, tornou a fechar-se e libertou-se de uma ameaça grave para o seu físico. Sem dar incómodos, nem gastar dinheiro com médicos. O último número da *British Medical Review*, entre outras notícias sensacionais, publica a do dr. Tujuika, de Osaka, Japão, ter encontrado a forma milagrosa de uma espécie de «enxertos» no aparelho visual, buscando nos irracionais matéria viva que regala aos humanos, tendo vencido assim, maravilhosamente, casos de cegueira diagnosticados como incuráveis. No mesmo *magazine* vem ainda a informação de um prodígio do dr. Stevens, inglês, que inaugurou a cirurgia na artério-esclerose, e de uma série de façanhas, não menos pasmosas, do dr. Franz Bellstem, de Leipzig, que, ao que parece, conseguiu operar os «pulmões» como se fossem pés com calos agravados.

Estas notícias, qualquer que seja o exagero do seu optimismo e o grau da sua veracidade (que o jornal donde as recolhemos é uma Bíblia...), têm, pelo menos, uma suave e piedosa missão: a de empapar de esperança as almas em desespero dos doentes...

Há muito que se acusa os sábios — e com justiça — de se dedicarem com maior entusiasmo ao estudo e ao invento das fórmulas que produzem a morte do que às que dão a vida e o alívio aos que padecem. A ciência médica, apesar de todas estas maravilhas, não tem avançado no mesmo ritmo de todas as outras sciências, incluindo as da guerra. Mas pior do que esse menor interesse pela mais santificada causa científica está a mentalidade, a psicologia e a organização

da classe médica, que é, na maioria dos casos, a maior inimiga da medicina. Todos esses sábios que conseguiram ou procuram ou julgaram conseguir novos alívios para os que padecem, serão fatalmente atacados, caluniados, perseguidos pelos colegas, que os levarão até ao desânimo, quando não até ao desastre. Apesar de todos os exemplos e fracassos do passado — não existe ninguém mais pessimista, mais incrédulo, mais apático, mais conservador, do que o médico ante os inventos dos outros médicos. E por isso que ele procura fazer da sua sciência um dogma hermético, proibindo ao leigo que espreite os seus segredos, não vão os leigos dar força aos que, estudando, lhes perturbam o circulo fechado do seu «sistema», quebrando a solidariedade maçônica estabelecida. Como se hoje em dia não estivesse tudo ao alcance de todos! Como se para ser médico fosse necessário um dom divino, e não o estudo dos livros por onde eles estudaram, a prática das experiências que eles praticaram! Como se a medicina não fosse, não seja, não tivesse sido sempre a mais experimental das sciências! O que se passou com Asuero é eloquente. Não sabemos até que ponto iria a sua sinceridade e o seu exibicionismo. O que não há dúvida é que ele fez o que os outros, os que diziam que já conheciam aquilo há muito tempo, não fizeram. O que não se pôde negar — porque eles cá estão, vêem-se e nós conhecemos alguns — é que entre os doentes que não se curaram, muitos ficaram curados. O que era o dever dos médicos ante o caso de Asuero? Aproveitar, estudar, aperfeiçoar, rectificar, vexá-lo mesmo, melhorando, transformando o seu sistema. E como agiram? Protestaram, berraram, apedrejaram-no até o vêrem posto fóra da sua zona, paralisado de pés e mãos. E vencido o colega, o que fizeram eles? Deram um suspiro de alívio e nunca mais olharam sequer para o caminho aberto, mal ou bem iniciado. Pelo contrário. Procuraram

pela troca, pelo ridículo, apagá-lo dos espíritos, roubando à humanidade sofredora mais uma esperança de cura...

E o que fizeram com Asuero, fizeram com Pasteur, com Soulee, com Diez Pujol, com todos os que procuram avançar... A bacteriologia, a própria antisepsia iam levando ao auto de fé os que as descobriam. O autor deste último invento che-



Dr. Asuero

gou a ser insultado nas ruas, porque disse que os colegas deviam desinfetar-se antes de operar...

Mas como o passado é sempre, de todos os exemplos, o mais rico, o mais eloquente, vamos ao passado, aproveitando centenários célebres para se ver como os médicos foram sempre os piores inimigos do avanço da medicina e como esta tem caminhado lentamente nos últimos tempos em contraste com a das épocas em que não dispunha dos recursos de que hoje dispõe. Começemos por

Ambrosio Paré, o «pai da cirurgia francesa», cujo quarto centenário foi comemorado, agora, em Paris.

DE BARBEIRO A CIRURGIÃO

Ambrosio Paré era filho de um operário e nasceu em Bourg-Hersent, França, em 1510. Naquê tempo, ser médico, cirurgião e barbeiro eram três artes representadas pelo mesmo artista. Não se sabe porque, nem como, Ambrosio, desde a meninice, se apaixonou pela medicina e pela cirurgia. O que sabe é que, muito novo ainda, entrou como auxiliar dum barbeiro da sua vila; e logo exibiu tal vocação que um famoso prático de Laval veio expressamente vê-lo trabalhar e acabou por levá-lo consigo e por ensinar-lhe latim e dar-lhe as primeiras luzes da sciência da época. Depois enviou-o para Paris. Tem então 19 anos; os mestres chamam-no, ajudam-no, ensinam-no e em 1528 entra para um hospital e fica sob a direcção do mais célebre médico do tempo — Jacques Dubois, conhecido pelo apódo de Sylvius. Francisco I, da França, inicia a terceira guer-

ra contra Carlos V, de Espanha; faltam médicos no exército e Ambrosio Paré, recrutado como tal, vai rapidamente ganhar a glória que o imortalizará.

O que era então o serviço de saúde durante a guerra? Recuemos até aos exércitos grégos que levavam médicos consigo — mas estes limitavam-se a tratar os feridos no campo de batalha. Não havia ambulâncias nem hospitais. Os romanos não só traziam cirurgiões e enfermeiros como organizavam hospitais de campanha. Vegecio descreve-os explicando o que eram os hospitais moveis romanos, chamados «valetudinarium». Antes do século XVI a ambulância romana desaparecera. Abandonavam os feridos no terreno da luta. Os desgraçados tinham de se salvar como pudessem ou acabariam por morrer às mãos dos seus vencedores. Só os nobres tinham direito aos socorros dos médicos que prudentemente levavam consigo para as guerras. Percy, cirurgião afamado do Império,

que investigou com êxito o que eram essas organizações no passado, conta que no século IX, no exército de Leão IV, cada régimento era acompanhado por uma dúzia de homens exclusivamente encarregados de levantar os feridos e trazê-los para a rectaguarda. Mas só em 1590, no cerco de Amiens, é que os exércitos europeus conheceram as primeiras ambulâncias e hospitais da rectaguarda. Quando Paré se estreou como cirurgião de guerra — os processos usados não podiam ser mais rudimentares. Os tratamentos estavam ao nível dessa organização. Dois convencionalismos existiam então — contra os quais o jovem médico se insurgiu logo de início. Primeiro: em julgarem que os projecteis lançados pelos arcabuzes e pelos canhões produziam queimaduras na carne e que envenenavam os feridos. Para desmentir-lhes Paré mandou disparar arcabuzes sobre sacos cheios de pólvora — e como esta não se inflamasse, provou aos mestres que os projecteis não queimavam. A segunda convenção era a forma



Gravura da obra de Johan Lodewick Gottfried, na qual se vê Daniel Swade dispondo-se a operar o homem que enguliu uma faca

cruel como se tratavam os feridos. Sob o pretexto de neutralizar o veneno dos projecteis, vertiam azeite quente sobre as feridas, o que tornava o remédio mais perigoso do que o mal. Paré começou a usar simplesmente azeite fresco. Para estancar as hemorragias só se conhecia então um sistema: o cautério. Paré teve a ideia de ligar as artérias. Foi esta uma das mais importantes provações do novo cirurgião. E contam-se por dezenas os novos processos de curar e novos sistemas cirurgicos criados por Paré.

Mas um inimigo o persegue: o colega. Os médicos e os cirurgiões da época caluniam-no; riem-se das suas confidencias; e quando o vêem pô-las em prática com êxito — atribuem a Deus o milagre...

Um nobre, para contradizer o rei, que idolatra Paré, faz córo com os maldizentes. E' o duque de Guise. No campo da batalha, em Boulogne, é gravemente ferido. Os seus cirurgiões nem sequer ousam uma tentativa, Chama-se Paré... Os colegas esfregam as mãos na certeza da impotencia científica do sábio ante



Gravura em que se celebra a entrada de Ambrosio Paré («o pai da cirurgia francesa») no «Hôtel-Dieu», de Paris. No medalhão: Ambrosio Paré



Quadro que se encontra no Instituto de Historia da Medicina, de Leyde, no qual se vê Andreas Granheide com a faca que lhe extralram do estomago

Os segrêdos da "Mão Negra"

SÓ AO FIM DE MAIS DE SÉCULO E MEIO DE EXISTÊNCIA A TERRIVEL QUADRILHA SECRETA DEIXA SURPREENDER OS SEGRÊDOS DA SUA ORGANIZAÇÃO

POUCAS vezes os deuses protectores do jornalismo o terão favorecido com uma reportagem tão emocionante, valiosa e inesperada como esta que obtivemos e oferecemos hoje ao público. Inesperada até ao passo, porque se dizia infranqueável a muralha chinesa que graniticamente fechava os segrêdos da celeberrima «Mão Negra»; emocionante, porque o são de facto, até à teatralidade, êsses segrêdos e a forma como foram violados, e valiosa, porque representa, indiscutivelmente, uma obra digna de estudo a criação e a organização dessa associação tenebrosa.

Por muito sóbria e severa que seja a nossa modestia, não nos esquivamos ao orgulho profissional de sermos a segunda publicação do mundo a exhibir essa reportagem. A «Mão Negra»! A «Máfia»! Quem ignora êsse bando, poderoso como um império, essa sociedade secreta, cruel e implacável como uma fatalidade? E se a evocação apenas desse nome sinistro «Mão Negra» ou a «Máfia», porque a «Máfia» é um desdobramento na crisma da primeira, basta para angustiar os que estão fóra das fronteiras das suas garras, os que apenas ouviram falar dela, os que desconhecem a sua história, e até os que incrêdula e julgavam que essa quadrilha mundial era uma fantasia prodigiosa, que sacudida violenta, que terrôr, que pânico, não sofrerão os que tiveram a má sina de resvalar nas suas rédes ou de olfatarem o cheiro alacre de muito sangue em que a seita se impregnou nêsse século e meio de existência. Porque, senhores, a «Máfia» ou a «Mão Negra», embora só há quarenta anos tivesse afixado o cartaz actual, existe e funciona há perto de dois séculos.

COMO SE DESCOBRIU O «CÓDIGO E O RITUAL DA MÃO NEGRA»

Os segrêdos e o ritual estranho da «Mão Negra» só agora foram revelados por um extraordinário detective italiano, Alberto Verusio Ricci, descendente de nobres napolitanos, que foi muito novo para a America do Norte, enveredando mais tarde pelos trabalhos policiaes.

A vida policial de Ricci tem sido plena de aventuras. Há muito que foi condenado a morte pela «Mão Negra» devido à luta renhida que contra ella tem sustentado. Verdadeiras batalhas se têm travado entre Ricci — «Buffalo Ritchie», como lhe chamam os americanos — e os bandos secretos da «Máfia». Há tempos o «mão negra» João Rotundo assassinou a tiro James Caputo. Ricci, na pista do assassino, procurou-o em casa, mas já o facinora se tinha escapado. Fazendo-lhe uma busca ao quarto, Ricci encontrou um pequeno livro negro. Lendo-o, exultou. E' que, embora o criminoso se lhe houvesse escapado, alcançara uma coisa que durante século e meio já mais chegara ás mãos dos profanos: o Código e o Ritual da Mão Negra.

Alberto Ricci considera a apreensão dêste livro mais importante do que a captura do assassino que se lhe escapou. E'ie seria capaz de trocar a liberdade do criminoso pelo livro secreto.

Ricci fez a tradução exacta dêsses maquiavêlicos estatutos que falam da fundação, admissão de sócios e outros segrêdos da secular organização. São essas revelações que, conforme prometemos no número transacto, começamos hoje a publicar.

O QUE SE LÊ NO FAMOSO LIVRO

«A intenção da sociedade — diz essa Biblia dos bandidos — é sempre avançar e nunca retroceder.» Os dias estabelecidos para as sessões são qua-

tas-feiras e sabados. Se houver sessões em qualquer outros dias devem ser indicados antecipadamente. Se fórem depois do sol posto será necessário reservar o direito de luz.

(Reservar o direito de luz significa que uma determinada quantia, subscrita por tódos os sócios do Circulo, ou dos fundos do mesmo Circulo, se os houver, será entregue ao Chefe do Circulo. As sessões depois do sol posto são consideradas extraordinárias.)

Não se enviam convocações por escrito. O «Camorrista» de Dia e um Chefe de «Picciotti» avisam pessoalmente os membros do Circulo. As sessões nunca se realizam duas vezes no mesmo local. Sempre que é possível efectua-se ao ar livre nos arrabaldes da cidade para não atrair as atenções e evitar serem surpreendidos pelas autoridades.

As sessões nocturnas principiam desta maneira original e estranha:

Chefe: — Bom dia, bravos camaradas.

Sócios: — Bom dia.

Chefe: — Estão dispostos a formar uma filial da sociedade?

Sócios: — Sim. Ardentemente o desejamos.

Chefe: — Reservando a lâmpada torno a noite em dia. Bom dia, bravos camaradas. Estão dispostos?

Sócios: — Sim, muito.

Chefe: — Foi precisamente nêste sitio sagrado e inviolavel que o nosso antecessor, vindo de Es-

Novela Policial

Os dois primeiros números obtiveram um extraordinário êxito, esgotando-se em poucas horas

A *Novela Policial*, dirigida pelo *Reporter X*, obteve um êxito extraordinário. O primeiro número, posto à venda de manhã, encontrava-se totalmente esgotado às primeiras horas da tarde. Chegaram a esboçar-se alguns conflitos com os vendedores, que estavam convencidos de que possuíamos exemplares e os sonegávamos para mais tarde os vendermos por preço exagerado. Tais processos, porém, não são usados pelo *Reporter X*, que longe de especular se insurge contra tódas as especulações.

O segundo número da *Novela Policial*, cuja tiragem foi consideravelmente aumentada, esgotou-se tão rapidamente como o primeiro, impedindo-nos de atender os pedidos de novos assinantes. Do próximo número, que se intitula *Os cinco cadáveres do dr. Maximo*, e que aparecerá à venda na quinta-feira, faremos uma tiragem ainda maior, que, esperamos, será suficiente para atender a tódos os compradores — se desta vez as nossas previsões não voltarem a atraçoar-nos.



«REPORTER X.»

ENCONTRA-SE A VENDA EM TÓDOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS



Na «Mão Negra» também havia mulheres. Eis uma que se disfarçava de homem e de quem só muito tarde se descobriu o verdadeiro sexo

panha à procura do vintem e da fracção de vintem, escorraçou pessoas infames. Com a palavra da Humildade formo agora êste Circulo da Honrada Sociedade.

Sócios: — Obrigado pelo favor.

Após ê-te palavrando de ritual o Chefe comunicou tódos os acontecimentos da semana.

Se houver «camaradas» que tenham pedido para serem admitidos na Filial, ser-lhes-á permitida a entrada. Quando acabem a discussão dos assuntos do Circulo, voltando-se para os «camaradas» diz:

— Bravo, camaradas. Têm mais alguma coisa a dizer.

Sócios: — Não, senhor.

Chefe: — Em nome da Sociedade e sob a palavra Humildade, a sessão dissolve-se.

Sócios: — Obrigados pelo favor.

Enquanto dura a sessão tódos os sócios cruzam os braços, tocando-se os cotovêlos, e o Chefe está voltado para o nascente.

(Continua no próximo número)

VIGARISTAS DE ALTO COTURNO



A morada do Joaquim Vasconcelos Ferreira, na Rua da Palma

Remata-se a descrição das proezas da «troupe» com o relato de uma agressão cobarde do Penedo Costa



Um redactor do «Reporter X» conversa com uma vítima, o sr. José Garção



Um que esteve para ser vigarizado, o da barba branca e se salvou a tempo

PARA não perdermos cêra com ruins defuntos, encerramos com o presente artigo as nossas considerações sobre a «troupe» de vigaristas de alto coturno, formada pelo Joaquim Vasconcelos Ferreira, mano Carlos Vasconcelos Ferreira e Artur Penedo Costa.

Dêsde que este jornal, que, segundo o termo popular, «não tem papas na língua», começou a pintar-lhe, as crónicas com as côres vivas que merecem, os cavalheiros... de indústria resolveram desaparecer. Resolveram pôr as costas no seguro... As suas vítimas vão engrossando de volume e, possivelmente animadas com o nosso exemplo, principiaram a reagir.

Mas não queremos encerrar as nossas considerações sobre a «troupe» sem contarmos mais uma proeza do Penedo, cuja morada revelamos para utilidade dos que tenham contas a receber: Rua das Lorangeiras, 27, r/c. esquerdo.

Um velhote de nacionalidade espanhola, Gregorio Moredo Lara, recebeu há uns anos uns dinheiros e pensou em

colocá-los por forma a grangearem-lhe um certo rendimento. Um amigo — daqueles amigos dos diabos que, mesmo com boa intenção, nos metem em sarilhos — aconselhou-o a colocar o dinheiro nas mãos de Artur Penedo Costa, que lhe daria um juro bom.

E Gregorio Moredo Lara, confiante, foi emprestando dinheiro ao Penedo até à importância de 5.000 escudos, que com os respectivos juros atingia 5.255\$40.

Mas o Penedo, fiel à sua maneira especial de tratar de negócios, não pagava. A muito custo e tarde e a más horas, foi pagando até à quantia de 1.500\$00.

ante o pobre velho, exigiu-lhe que lhe passasse um recibo dando por liquidada a sua dívida. O velho recusou-se — e o Penedo, o valente Penedo, agrediu o velho a «cavalo-marinho» até o obrigar a assinar o recibo exigido.

Que dizem os leitores a este facinora? Como se compreende que uma infâmia dêste calibre ainda esteja impune?

Com este episódio revoltante encerramos o relato das proezas dos três aventureiros.

Cumprimos a nossa obrigação denunciando ao grande público a sua abjecta existência. Os primeiros passos para o saneamento do nosso meio comercial foram dados por nós com o relato dos crimes praticados por esta «troupe» e por outros indivíduos sem escrúpulos com que há seis meses vimos enriquecendo a nossa galeria de bandidos elegantes. Mais longe não nos compete ir. O resto da tarefa fica ao cuidado das vítimas, que não devem fechar-se em mutismo cobarde.

REPORTER MARIO



Gregorio Moredo Lara, um vigarizado

Um dia, quando, desanimado, já não esperava recuperar nem mais um ceitil do seu dinheiro, foi convidado a passar pelo escritório do Penedo. Lá apareceu, conforme o combinado.

Então o Penedo fechou a porta por dentro e, agitando um «cavalo-marinho»

A VIDA INTIMA DO «EX-KAISER»

(Continuação de pag. 6)

janta e depois do jantar, lê. Deita-se ás 10 horas da noite.

«E' profundamente religioso. Crê em Deus e presta-lhe a máxima homenagem. A sua humildade é absoluta. Não podemos viver, embora exilados, como pobres — porque ele é, apesar de tudo, o ex-grande imperador. Mas das 500 pessoas que o serviam em Berlim — ficaram apenas 25! Dos cem uniformes e fatos de que se compunha o seu guarda-roupa — existem apenas doze! O seu maior sofrimento é a saudade da Alemanha. Do nosso castelo de Doorn, vê-se o Rheno. Quantas vezes o surpreendo com o binóculo assestado, fixo nas águas do rio das lendas e das maravilhas! E sempre que deixa cair o binóculo — os seus olhos estão cheios de lágrimas».

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no
Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correlo mais \$80 para registro

SEMPRE SORTES GRANDES!!!



CRIMES IMPUNES

«NÃO é possível evitar a impunidade de certos crimes, nem prová-los depois—disse-nos hoje um... entendido—enquanto se passarem pelo sistema actual as certidões de óbito — sobretudo enquanto a lei não exigir a visita dos sub-delegados de saúde a todas as casas onde haja um cadáver... Há poucos dias, numa mesa de café vizinha à minha, surpreendi uma conversa, apenas cochichada, sobre a morte recente de um cavaleiro, insinuando-se que essa morte fóra provocada por uns parentes. Pouco antes recebera a denúncia de outro caso idêntico — mas era já tarde para dar o alarme. Mas existem outros. A pobre B... F..., por exemplo, a mundana mais oxigenada e a alma mais bondosa de Lisboa, faleceu... duma síncope cardíaca.



«O coração estava, de facto e havia muitos anos, atacado, mas podia ser... e podia não ser. Chegou uma noite a casa, vinda dum «club» e acompanhada por um desconhecido. Na manhã seguinte, a dama de companhia foi a casa do médico contar que a patrão se sentira bruscamente mal e lhe expirara nos braços. O médico passou a certidão e, guiado por este descritivo atribuiu a lesão cardíaca a morte da infeliz B... F... Entêrra! Casa fechada! Ninguém apareceu a perguntar pelos móveis, pelas joias, pela dama de companhia... Passam-se semanas e o destino quis que o chauffeur que a conduzira a casa naquela noite fósse ao Porto e visse de braço dado, mui bem postos ambos, a dama de companhia e o Tenório desconhecido que fóra o herói da última noite de amor da pobre «cotte». Foi o chauffeur quem me contou a história e rematou-a assim: «Ora suponha o sr. doutor que ambos estavam combinados — é e a dama; que uma vez em casa a mataram com um punhal — e cá tenho as minhas razões para falar em punhal! Limpo o sangue, vestido o cadáver de novo, arranjada a certidão — fácil é fazer o entêrra; e uma vez de baixo da terra — quem vai descobrir o crime?»

OS ARREDORES DA R. DOS CAPELISTAS

DÁ-NOS sempre vontade de rir quando, á falta de toda a possibilidade de acuação, nos apodam de reaccionários ou de anti-republicanos ou... Agora vão alcunhar-nos de situacionistas, porque achamos de dever o aplaudir certas medidas enérgicas contra os desafóros da Rua dos Capelistas e arredores. Um caso, entre muitos, sintomático no estilo escandaloso. Os directores da C. N. N. pegaram nos fundos de reserva, que são a garantia máxima dos accionistas, transformaram-nos em acções, colocando estas em seus nomes, para poderem, dentro de uma falsa legalidade, agir nas assembleias gerais. E para cumulo, como se não ficassem suficientemente doseados de escandaleira, empenharam essas acções num estabelecimento do Estado. É um círculo, completo, perfeito, desenhado a compasso. Ah! Se eles soubessem administrar os interesses alheios como administram os próprios, que grandes administradores!...



FALSOS «ÁPACHES»

OUTRA carta, assinada por um habitual e sério informador. «Sátiros, piores do que o de Coruche, abundam em Lisboa... Vocês lêram, há poucas semanas, nos fins de Dezembro, uma notícia nos jornais intitulada «Golpe de «ápache», na qual se contava que o mui honrado e conhecido sr. L..., morador na Avenida A. A. A., fóra assaltado por um trio de larápios e que ficara ferido? Não eram larápios, mas sim os irmãos e o noivo duma das muitas desgraçadas que éle habitualmente lança na valêta e que o sr. L... famoso moralista, não conseguiu amedrontar, como das outras vezes, com as ameaças baseadas na sua situação social...»

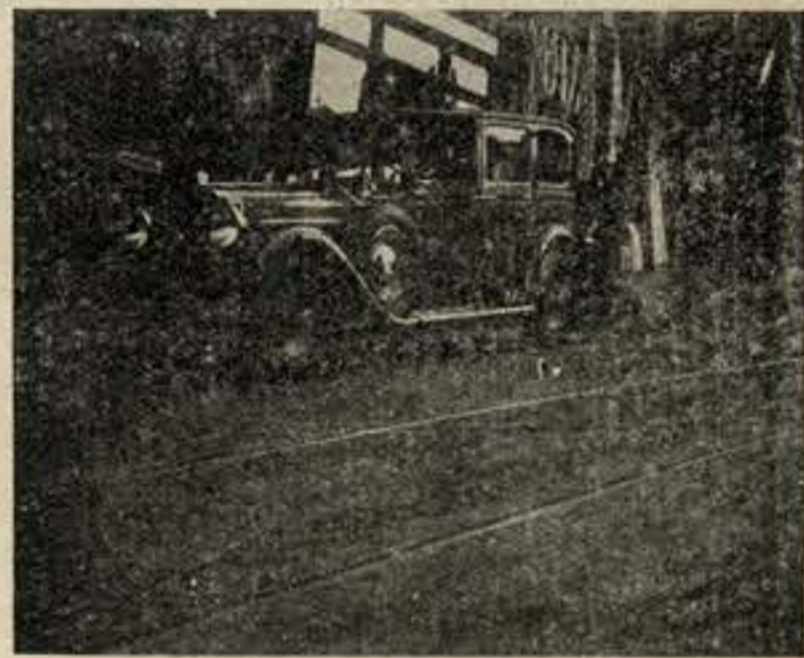


ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

As aventuras e desventuras dos marqueses

A pistola de Canalejas e o desabafo dum reporter—Uma carta do sr. Jaime de Sousa—O marquês diz que não é verdade—Outra «chantage»—Dez minutos de intervalo

HAVIA em Espanha um político terrível, «pimpão», dos que despiam o casaco para jogar o sóco com os adversários. Era Canalejas. Longe de mim a ideia de empregar estes termos como deprimentes á memória dum dos sociólogos mais honestos e sacrificados de Espanha, sacrificado até á própria vida—visto que a sua campanha anti-clerical e em prol do proletariado lhe valeu a morte, morte aparentemente inexplicavel... Canalejas, o primeiro ministro que defendeu os interesses operários no reino vizinho, foi assassinado por um operário; como Lincoln, o presidente da Republica Nort-Americana que acabou com a escravatura dos negros, foi assassinado por um negro. Paradoxos... Portanto, ao apontar o temperamento chamado «desordeiro» de Canalejas, não pretendia



O célebre «Packard» do marquês

apoucá-lo... Era para evocar certo episódio da sua vida politica. Canalejas era homem e como homem errou — e gravemente uma vez. Um jornalista apenas teve a coragem de defrontar esse erro: «El Duende de la Colegiata» — o «príncipe dos reporteres espanhois». E no último artigo que publicou contra esse erro dizia: «Sei que tu, Canalejas, compraste ante-ontem, na armaria da Calle Mayor, uma pistola e que disseste que era para me matares. Essa pistola, sei também, é de cinco balas. Serias o maior dos covardes se não as meteres, todas as cinco, na minha carne!»

Acabo de receber do sr. Jaime de Sousa a seguinte carta: «Ex.^{mo} Sr. Rei-

naldo Ferreira—Lisboa.—Ex.^{mo} Sr.—Venho declarar pela presente ser absolutamente falso o ter feito qualquer referencia á sua pessoa. Igualmente é falso eu ter dito que lhe tinha entregue cinquenta contos ou sequer feito qualquer promessa pois nunca o encontrei nem mesmo tenho o prazer de o conhecer. Cria-me com muita consideração—De V. Ex.^a Att.^o Venr. Obr. (a) Jaime de Sousa.

Estava e está preparado o dossier contra este senhor — desde a aventura de Paris até... á cilada armada a um credor seu. Nunca neste jornal se faltou a uma promessa, e não é o desmentido á sua calúnia de que o acusei que o liberta das revelações prometidas. O sr. Jaime de Sousa é dos que não podem ficar por mais tempo impunes ante a opinião pública, pelo menos desde que existe o «Reporter X». Mas o sr. Jaime de Sousa tem uma questão pendente no tribunal. Os «chantagistas» que procuram abocar de todas as formas a honra intransigente deste jornal insinuam que nós pretendemos defender violentamente os interesses da parte contrária, influido — o que é inverosimil e ridiculo — no espirito dos juizes. Pois bem... Aguardemos o desenlace dessa última arseniolupinada — porque, garantimos, no primeiro número após o julgamento, seja qual for o seu resultado, publicaremos o que já está escrito. E ninguém perde com a demora — muito menos o sr. marquês de Sousa, cujas referencias da Prefeitura parisiense estão já em nosso poder. Até breve, pois.

R. X.

POBREZA ENVERGONHADA

Uma senhora educada, que se encontra em situação aflitiva — viuva, mãe de dois filhos pequenos — pede-nos que a protejamos. E' professora, trabalha em tudo quanto lhe aparece, e no espaço de tempo que lhe deixam livres os cuidados das duas crianças, uma de dezoito meses, outra de seis anos. A miséria, porém, instalou-se-lhe em casa e para a pôr em fuga essa senhora acolhe-se á protecção do Reporter X. Os nossos leitores saberão dispensar a essa pobre viuva o carinho que merece a pobreza envergonhada.

«FILMS» DA VIDA REAL

DA GLORIA E DA FORTUNA À FOME E À MISÉRIA

A TRAGÉDIA DO «AZ» CINEMATOGRAFICO EMILIO GHIONE, O FAMOSO «ZA-LA-MORT», QUE ACABA DE MORRER NUM HOSPITAL ITALIANO

FOI há pouco tempo... Uma manhã, ás primeiras horas, quando as «midnettes», «dactylos», manequins e caixeirinhas, descem, num vôo, a colina romântica de Montmartre e atravessam os boulevards, numa chilreada feliz, uma roda de curiosos chamou a atenção dos flics. O iman de

E era o autentico. Era Ghione. Era o «Za-la-Mort». Como éle deve ter sofrido no seu orgulho de homem e de artista — tão rapidamente guindado á glória e á fortuna e tão brutalmente atirado ao subterrâneo de todas as torturas — até da tortura dos próprios espelhos que reflectem o



Emilio Ghione, o famoso «Za-la-Mort», no seu leito de morte. No medalhão: Uma criação do grande artista

todos aquêles olhares era um homem caído no passeio — e tão magro, tão transparente, de linhas tão fortes e com tão pouco relêvo, que mais parecia uma silhueta desenhada a lápis do que um corpo humano. A sua magreza era natural, uma magreza que devia ter sido ágil, nobre, nervosa, imperiosa, energica. A cabeça descarnada, escaveirada, era o complemento lógico do corpo, pela energia dos traços angulosos e pelo brilho febril dos olhos fundos, negros e enormes. Vestia apenas um paletot de feito pretencioso, mas gasto, desfiado; e o cache-col de veludo com que abrigava o pescoço seco e listrado de veias, abrindo-se, deixara ver a ausencia de um colarinho e de uma gravata... Os flics imediatamente o levantaram e o conduziram a um hospital, e uma caixeirinha observou: — Conheço aquela cara... — E eu também já a vi não sei onde... — insinuou alguém. E uma grisette arriscou: — E' muito parecido com éle... Parecido? Com quem? Um nome fãscou, rápido, luminoso, de todos os lábios — incendiando nos espiritos visões antigas de litográficos cartazes e de films emocionantes: o nome de Emilio Ghione, o «Za-la-Mort» — o mais popular e famoso «az» do cinema italiano e mundial... Mas «Za-la-Mort», o grande artista, devia estar millionário... Era apenas uma coincidência — uma seme lhança fisica, um Za-la-Mort da vida real...

casaco no fio, os saltos cambados, a gola levantada de vagabundo, a barba crescida de dias... Filho duma familia modesta mas decente e até illustre — Ghione tinha duas paixões: a arte e os cavalos. Satisfêz a primeira — tornando-se pintor com rápido renome; satisfêz a segunda matriculando-se na Escola de Officiais de Cavalaria de Turim, na qual ganhou rápida fama de cavaleiro destemido e valente. Era a época de ouro do film italiano. O metteur-en-scene da «Aquila» de Turim, vendo as suas proezas, pediu-lhe para entrar num film histórico — no qual fez prodígios, recebendo o cachet de figurante — 5 liras por dia. Pouco depois, em 1909, a «Itala-Film» contrata-o. E' então que éle se começa a interessar pelo cinema — mas desesperado porque só lhe dão papéis pequenos a pretexto da sua valentia hípica. Toma o combolo e vai a Roma. Em 1910 entra na «Jerusalem liberta», da «Tibes Film», fazendo a primeira criação no papel de Rinaldo. A seguir trabalha nos studios da «Celia» — no film S. Francisco de Assis e em 1912 entra para a «Pasquali» onde a sua esplêndida máscara inspira um autor a escrever o primeiro film de «Za-la-Mort». A sua cabeça de caveira, seca, ossuda; o seu rôsto de contorcionista de expressões; a sua máscara, que dava por vezes a impressão que os olhos, a bôca, os musculos, os

(Conclui na pag. 15)

OS SEGREDOS DA "CHANTAGE" UM INQUÉRITO PALPITANTE

(Continuação da pag. 7)

(Continuação da pag. 6)

caixas de esmolas da sua igreja. Fez o que era legítimo e humano que fizesse: mandou-o prender. Uma vez preso, o gatuno engendra uma calúnia sobre a honra do prior e serviu-se dela como lima para cortar os ferros do carcere: ou o sacerdote o libertava de qualquer forma—ou ele, gatuno, espalharia aos quatro ventos, auxiliado pelo côro dos da sua quadrilha, a calúnia engendrada. O pobre prior, pouco afeito a floretear contra os miseráveis, sofreu um verdadeiro tormento moral, só a pensar que o seu nome e as suas vestes sacerdotais seriam salpicadas pela bilis rancorosa do gatuno... Amigos seus, fiéis e admiradores da sua acção piedosa e constante, animaram-no e impediram-no de ser enlameado; e eis que, quando o sacerdote se julgava de novo protegido pelo amor de Cristo, lhe surge ao caminho um sujeito, dizendo-se jornalista, redactor de *A Voz*, que lhe cochicha ao ouvido a seguinte ameaça: «Tenha cautela, sr. prior... O «Reporter X» está de posse desse segredo e vai abrir fogo contra si... E depois, mais confidencialmente ainda, com ares de importância agrega: «Mas se preferir o silêncio dê-me umas notas que eu vou lá e pago-lhes esse silêncio»!

O pobre padre, ignorando-nos, julgou que era verosímil tal infâmia. Não levamos a mal o seu horrível equívoco... De novo pensado de apoquentações, entregou a primeira nota ao jornalista (?) e foi aconselhar-se com o sr. Conde da Torre. Este sorriu-se e tranqüilizou-o: «Não creia que esse jornal seja capaz de fazer a mínima chantage. Ai, o infame, o chantagista é esse cavalheiro». E para pôr tudo em pratos limpos, à boa maneira portuguesa, veio contar-nos o que se passava.

Novo conciliábulo se organizou para armar uma cilada ao cavalheiro. Marca-se uma manhã e uma hora para ele se encontrar na igreja de Bemfica e ali receber a última nota do preço da sua calúnia.



Fotografado sem dar por isso...

Cá fora, um redactor nosso, com a máquina camoufflé, fotográfica-o; lá dentro, por detrás de um reposteiro e junto ao sr. Conde da Torre e a outras testemunhas (era necessário

que a liberação da nossa honra fosse testemunhada por várias pessoas dignas), outro redactor escutava o diálogo.

— Mas o sr. tem a certeza de que eles não publicarão os artigos contra mim? — perguntou o prior.

— Tenho! E' uma questão de dinheiro...

— E conhece bem toda a gente desse jornal?

— Toda!

Neste momento ergueu-se o reposteiro, e o sr. Pedro dos Santos, secretário da administração do

«Reporter X», acompanhado de outras testemunhas enfrenta o caluniador e indaga-lhe:

— E a mim, conhece-me?

O que se passou depois repugna à minha



O hábil agente Castodio das Dôres seguindo uma pista

pena descrever. Que miséria! Como esse homem, que é de facto jornalista, a quem alguns cá da casa apertavam a mão e tratavam com simpatia, que só recebeu de mim provas de carinho, usou inventar, caluniar, sujar, a tróco de umas notas... Como se pode dormir tranqüillo procurando enlamear a honra alheia! Não via esse homem que a sua ignominia não só nos acorrentava à infâmia, espalhando-se como devia espalhar-se, se não tivéssemos sido avisados a tempo, como podia prejudicar o ganha-pão de algumas dezenas de camaradas honrados que trabalham neste jornal! Não via! Não sentia! Não pensava! Que miséria!

Mas maior miséria ainda foi a forma como ele confessou o seu crime—porque o confessou—procurando descer ao abismo arrastando um outro camarada que ousou abocar e cujo nome digno e limpo não é para aqui chamado.

Por muito doloroso que seja, sou obrigado a dizer quem era esse cavalheiro que se intitulava redactor de *A Voz*, em prejuizo desse jornal e de um grupo de jornalistas, que, embora em campo oposto, distanciados pela ideologia, considerámos sempre honrados. Esse jornalista era o sr. Antonio Correia.

INTERVALO

Senhores! O que acabo de narrar é comprovavel, inofensível, indiscutível! Está chancelado por todas as provas e pelos nomes com que eu lacro a vermelho as minhas acusações. E' assim, senhores, que se caluniam homens de bem e um jornal honrado. E agora quando algum vier duvidar da honestidade do *Reporter X*, esfreguem-lhe a cara com este documento.

Fôram dois os casos apontados. Estamos na posse, ou julgamos estar, de todos os outros, assim como de uma carta do sr. B... Mas isto fica para depois: O urgente, duma urgência imediata, era desmascarar os caluniadores e provar a calúnia. Esta noite dormiremos mais tranqüillos—vós, leitores fiéis, e nós, jornalistas caluniados. Já outro tanto não sucederá aos caluniadores. Não queria estar-lhes na pele nem na consciência, caso usassem esse luxó...

REPORTER X

francês, actual director da «Americana», em Paris. Afonso Calafala é, de todos, aquele que eu conheço melhor—e vós também. Reabilitou-se. Curou-se. Vive feliz com Maria da Luz, cujo nome eu cometi o sacrilégio de trazer, intacto, da vida real para o palco. E' que Maria da Luz só podia chamar-se assim—fôsse no teatro, fôsse no seu lar risonho da Rua Alexandre Herculano... Quanto ao simpático dr. Sergio Teles—é um homem público; já fol... já foi chefe de Estado... Charles Clarkton—a admirável rábula de Rafael Alves—é... português, antigo africanista de facto, e vive agora no Porto. E a sua Rosette é estrela de revista e toma-o... toma-o como Rosette o diz em scena: «apertando o nariz e fazendo caretas... como se fôsse oleo de figado de bacalhau». Foi esta a expressão que ela usou quando uma noite, no teatro Sá da Bandeira, na Companhia Hortense Luz, lhe preguntei se era feliz...

O "morto-vivo" de Londres condenado à morte

(Continuação da pag. 3)

sempre a sua palavra. O seu único fracco eram as mulheres... Quando o juiz pronunciou a sentença fatídica:—«Serás levado ao patíbulo e depenurar-te-ão pelo pescôça te que morras»,—a mulher e as amantes desmaiaram. Ele então acertou a gravata, enviou-lhes um beijo com a ponta dos dedos e disse para os policias: «Guardas... levem-me daqui».

E saiu tão sereno como se o tivessem absolvido.

METAIS-FERRAMENTAS

Rua do Loureiro, 86 a 92

Telef. 434 — PORTO

CASA DOS METAIS

Gomes da Silva, Ltd.

ESPECIALISTAS

Balanças, artigos

para a industria

Um "Buick" por 110 contos

ESCREVEU-NOS o dr. João de Freitas dizendo: «Os hospitais civis necessitam de uma reportagem... A situação financeira, ao que parece, é aflitiva... para os doentes. E mudando de assunto... Porque não arranjam vocês todos os meses uma lista dos compradores de automoveis de luxo? Que belos «radios X» não fariam com esses nomes... Um por exemplo, que adquiriu um «Buick» de 8 cilindros por 110 contos... Pobres doentes...»

O HOMEM QUE ENGULIU UMA FACA

(Continuação da pag. 9)

aquêlê caso — e terão então um belo pretexto para lhe esfarelarem a celebridade. E' o próprio quem descreve o ferimento: «Uma lança do inimigo entrou no rôsto do Duque por debaixo do olho esquerdo, em direcção do nariz e, ao trespassar, passara entre a nuca e a orelha, com tão grande violencia que o ferro da lança e um pedaço da madeira da haste quebrara-se e ficara enterrado». Paré, sem dar ouvidos aos clássicos e arcaicos conselhos dos «velhos médicos», arrancou o troço da lança; e apesar de ter fracturado alguns ossos e quebrado veias e arterias — conseguiu salvar-lhe a vida e curá-lo, em quinze dias.

Esta proeza apenas conseguiu abrir um armistício na campanha que lhe faziam. E quando morreu, em 1590, havia apenas um ano que regressara à côrte, de onde fóra banido pelas intrigas dos colegas... E êsse regresso foi devido a uma doença do rei, que sente que os outros ficaram vencidos, e da qual Paré, chamado à última hora, saiu vencedor. Escreve um contemporâneo, Dartois: «Sua Magestade ardia em febre, vomitando tôdos os alimentos e com uma pontada violentíssima no lado direito do ventre, na linha abaixo do umbigo. O próprio real enfermo se recusou, no primeiro momento, a deixar-se «cortar» por Ambrosio Paré. Ms êste conseguiu vencer tôdos os seus receios, e graças a Nosso Senhor, Sua Magestade curou-se». Comenta um moderno, dr. Saintneveu. «E' pasmoso como há quatro séculos um médico operava com a ousadia e a profiuidade de Ambrosio Paré».

No enterro de Paré não se incorporou um único médico.

Outro centenário celebrado pelo Instituto da História de Medicina de Leyde: o da mais famosa operação cirurgica realizada no passado e justamente atribuida a Daniel Swade.

Tôdos os visitantes do museu anexo àquêlê Instituto intrigavam-se ante um quadro no qual apparece um homem, de dorso nú, sustendo com a mão esquerda uma tábua, sôbre a qual se nota uma faca. Sôbre o ventre, à esquerda, o retratado exhibe uma cicatriz enorme. O quadro está em bom estado — mas as inscrições apagaram-se. Lêem-se apenas um nome e uma data: Andreas Grunheide — 29 de Novembro de 1630.

Na «Crônica» de Johan Lodewick, editada em 1702, encontra-se um capítulo intitulado «Um milagre da medicina» — em que se revela o segredo do enigmático quadro. Um camponês — Andreas Grunheide — que vivia a sete léguas de Königsberg, no reino da Prússia, um dia abocou (vá lá saber-se porquê ou para quê?) o cabo dum faca. Brincando, escorregando, — o diabo tece-as — o camponês desapertou os den-

tes e, como ia caindo de costas, a faca escapou-se-lhe, indo refugiar-se no esôfago. Louco de terror com a ideia, aliás plausível, de que a faca lhe cortasse as parêdes do estômago, correu ao encontro do burgomestre de Landsberg, e êste levou-o a casa do professor cirurgico Daniel Swade Becker, em Königsberg. O célebre cirurgião, depois da consulta, reuniu-se com outros médicos, Rutgerus, Hemsingius e Crogerus — ficando resolvido que com a ajuda dum emplasto magnético se tentaria dar uma posição favoravel à faca, a fim de a extrair, praticando uma incisão. A operação realizou-se a 29 de Novembro de 1630 — há três séculos! Começou Daniel Swade por fortalecer o paciente, dando-lhe a beber água onde tinha submergido alguma; perolas. Depois deitaram-no sôbre uma mesa e com um carvão marcou-se o local onde o deviam abrir. Na «Crônica» a que nos referimos, apparece uma gravura representando o paciente deitado sôbre a direita e oprimido por várias ligaduras. Rodeado por numerosos médicos, e de bistori na mão, o operador prepara o golpe. Uma mulher imobiliza com o braço direito a cabeça do componês e com a esquerda ergue uma chicara, contendo a água de perolas. Aberto o ventre e após várias tentativas conseguiu operar o estômago com a ajuda de uma agulha curva e (a frase é do autor da citada «Crônica», de 1702...) «...e trazê-lo para fóra...» O emplasto magnético permitiu que o operador sentisse exteriormente a ponta da faca — extraindo-a então com tôda a facilidade. O camponês, ao vê-la, exclamou: «Ai! a minha querida faca!»

Gottfried, autor da «Crônica», acrescenta que a ferida foi vendada e que o camponês se curou rapidamente. Pouco depois casou com Dorotea, filha de Christoffel Kolck, de Grunwalde, pintor que retratou o sôgro.

SEMPRE OS COLEGAS...

E' esta a famosa operação, «a operação de barriga aberta», uma operação ao estômago, realizada há três séculos, quando a antiseptia e anestesia e tôdos os recursos actuaes da sciência eram ignorados, que o Instituto de Leyde comemorou no dia 29 de Novembro último. Prova-se assim que em três séculos, e em contraste com as outras sciências, a medicina tem avançado pouquissimo.

Resta apenas acrescentar um detalhe — que é, aliás, o remate do capítulo da «Crônica». «Daniel Swade, o admirável operador, nunca mais deixou de ser perseguido e caluniado pelos médicos do seu tempo — até que, desiludido e triste, abandonou a medicina».

«FILMS» DA VIDA REAL

(Continuação da pag. 13)

sobrolhos, foram acrobatas praticando proezas fantásticas de circo, triunfaram brilhantemente. O tipo de «Za-la-Mort» ia-lhe como uma luva. O «apache» nervoso, rápido, destemido, audaz, cruel até sanguinário contra os maus, os velhacos, os poderosos, bondoso para os fracos, para os bons, para os infelizes, envolvido sempre em mil aventuras e façanhas perigosas e engenhosas, violentava os nervos do público, arrastando-o, hipnotizando-o, apaixonando-o. Um cartaz onde êle surgisse com o seu traje negro, de calças largas e apertadas nos tornozelos, o *cache-col* cor de sangue à volta do pescoço, o boné de veludo e pala de oleado, caído sôbre os olhos, as mãos afundadas nos bolsos do casaco; e a cabeça louva, encanudada e cheia de laços, da *gigolette*, da «Za-la-Vie», irmã pelo destino e amante pelo amor, sócia e colaboradora em tôdas as aventuras, era garantia de muitas enchentes seguidas. De 1912 até à decadencia entrou em 225 *films*. Os seus ordenados eram os maiores da época. Houve anos de totalizar uma receita de quinhentas mil liras... Mas; um dia veio a decadencia do cinema italiano. Os sessenta *studios* da Italia fecharam as suas portas... Ghione, buémo, aventureiro, utopista, encolheu os ombos e descansou uns meses. Depois emigrou, foi à Austria... Das muitas fortunas que conquistara podia estar milionário como Bonnard, como Riza, como Menichelli, como tantos outros colegas que ganhando menos souberam amearhar o que ganharam, mas apenas lhe restavam alguns milhares de liras. O resto queimara-o em festas, em emulas, em empréstimos sem garantias a amigos sem escrúpulos; esbanjara sem conta nem medida, como se a sua carteira fôsse um cofre mágico, inesgotavel. Com êsse pouco que se salvara dos anos de boémia e de trabalho capitalizou um *film* seu. B. m. artista — péssimo comerciante. Foi roubado. O sócio fugiu-lhe com os lucros.

Num último esforço, agachado a um canto de vagão de 3.ª classe, veio para Paris. Acompanhava-o Kelly Sambucini, a célebre «Za-la-Vie», amante nos *films* e na vida, a *gigolette* no *écran* e a mais dedicada e heroica e nobre e terna das companheiras.

Mas uma vez em Paris, Ghione viu-se a um espelho. Não o fazia há muito. Reparou nas nu-das do fêto, no lustrado das mangas, no deslizado das calças, nos saltos cambados, nas passagens dos colarinhos. Teve vergonha de apparecer nos *studios* a pedir trabalho naquêlê estado. Fez o que fazem os fracos quando se lhes esgotam as munições de combate. Estacou; paralisou-se; i nobilitz u-se; deixou-se ficar à espera ou dum milagre ou da morte... Havia três dias que não comia...

O LEITO N.º 428...

No hospital havia um médico italiano, o dr. Falconi. Ao vê-lo, teve uma suspeita. Quando o doente voltou a si e lhe pediram os papeis, provou-se que era de facto Emilio Ghione, nascido em Fresolo, Italia, em 1891... Era êle. Era Za-la-Mort.

O dr. Falconi correu ao telefone... Naquela mesma noite, algumas dezenas de italianos, antigos amigos de Ghione, uns; seus admiradores, outros; comovidos pelo seu destino, tôdos, reuniram-se...

Logo que Ghione melhorou, regressou à pátria, fôfamente instalado num comboio de luxo e n.º companhia da *fel* «Za-la-Vie». Recolheu ao Sanatório de San Luigi, Turim... Deram-lhe a cama 428... «A cama 428» era o título dum dos seus *films*, um dos *films* em que êle morria, após uma ago-ia genialmente histriônica. Tôdos os cuidados lhe fóram dispensados... Inutilmente dispensados? A tuberculose do corpo e da alma — a alma pior — tinham felto estragos irreparaveis... Morreu há poucas semanas, acariaciado pelas mãos trêmulas de Kelly, a «Za-la-Vie», a *gigolette* do *cinema*, a santa companheira do seu calvário, tal e qual como no drama «O leito 428»...

O maior sucesso literário de 1931

Novela Policial

LEITURA EMOCIONANTE ! ■ ASSUNTOS PALPITANTES !

— DIRECTOR : —

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Quinta-feira, 12 de Fevereiro

NOVELA POLICIAL

N.º 3

“Os cinco cadáveres do Dr. Máximo”

Original inédito do REPORTER X

A NOVELA POLICIAL

16 páginas — Uma novela policial completa,
original, inédita — Capa a cores

Preço : UM ESCUDO

Dirijam já os seus pedidos de revenda e assinaturas para a Administração do «REPORTER X» e da «NOVELA POLICIAL».

TELEFONE || **ROSSIO, 3, 3.º** || Endereço
2-5442 || **LISBOA** || Telegráfico
|| **REPORTERX** ||